

Articulações teórico- metodológicas em uma experiência etnográfica com adolescentes

Ana Júlia de Freitas Carrijo

Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Goiânia, GO, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8372-1003>

Lara Lima Satler

Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Goiânia, GO, Brasil
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2509-6278>

Resumo

Neste artigo, propomos caminhos para investigar os modos pelos quais adolescentes participam dos circuitos de produção de sentido na internet. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, feita com um grupo de doze adolescentes goianos, na faixa etária de quinze a dezessete anos, estudantes de uma escola estadual em Aparecida de Goiânia, Goiás. Aqui, faremos uma análise dos procedimentos adotados na pesquisa de campo, fundamentada teoricamente nos Estudos da Cultura Latino-Americanos. O objetivo é elaborar uma proposta viável de realização de pesquisa empírica no campo da Comunicação, partindo dos usos sociais do YouTube e do Instagram, plataformas constituídas por múltiplos recursos audiovisuais populares entre os entrevistados. Portanto, a partir da combinação de técnicas etnográficas de produção de dados, tais como observação participante, discussão em grupo e entrevistas individuais em profundidade, mapeamos e discutimos os processos de circulação e ressignificação de imagens, considerando as necessidades específicas destes jovens. Destacamos, como resultados, a necessidade de manter uma postura flexível na dinâmica empírica para compreender as demandas dos entrevistados e acolher suas contribuições, sem perder de vista o eixo central da pesquisa, mas permitindo fazer adaptações em um processo reflexivo que deve acontecer não só na análise dos dados, mas também durante sua produção.

Palavras-chave

Metodologia em Comunicação; Etnografia; Estudos Culturais Latino-Americanos; Cartografia; Adolescentes e redes sociais

1 Introdução

Os usos da internet são um fenômeno contemporâneo que aciona imagens audiovisuais múltiplas. As plataformas de vídeo, fotos, áudio e texto se atualizam constantemente e oferecem novos recursos que podem ser utilizados de diferentes modos em cada contexto social. Esses usos articulados a tais imagens se movimentam em diversos circuitos de produção de sentido mediados de forma estruturante pela comunicação e pela cultura. Este texto apresenta uma pesquisa qualitativa¹ que investiga como um grupo de doze adolescentes goianos, de 15 a 17 anos, participa dos circuitos de comunicação digital no YouTube e no Instagram e de que modos eles percebem os processos de circulação e ressignificação das imagens audiovisuais que acessam no cotidiano.

Neste artigo, nosso objetivo é discutir articulações teórico-metodológicas que estão sendo desenvolvidas na pesquisa, visando à elaboração de uma proposta viável de realização de pesquisa empírica no campo da Comunicação partindo dos usos sociais da internet. Entendemos que o desafio de estudar as imagens e as performances culturais na contemporaneidade exige de nós pesquisadores a destreza em perceber os processos de ressignificação dos materiais consumidos. Por isso, propomos que um modo de pensar essas imagens é aproximarmo-nos de quem as acessa, para entender na prática como ocorrem os processos de produção de sentido.

Para tanto, partimos de um diálogo epistemológico com os Estudos Culturais, especialmente os Estudos da Cultura Latino-Americanos, representados aqui pelas obras de Jesús Martín-Barbero (1997, 2004). Nosso objetivo é discutir sobre como tais bases teóricas foram utilizadas na pesquisa de campo, como um exercício próprio dos Estudos Culturais de experimentação metodológica, conjugando técnicas e procedimentos que podem ampliar a densidade qualitativa dos dados produzidos.

Dentre a diversidade de tradições que desenvolvem trabalhos respeitáveis na teoria da Comunicação, nossa preocupação foi estabelecer diálogos com aquelas que nos permitissem enxergar os meandros dos processos comunicativos na prática, ou seja, suas

¹ Originalmente, o texto apresentado aqui faz parte das discussões da dissertação intitulada "*Experiências comunicativas de adolescentes goianos na cultura digital: uma análise etnográfica dos usos sociais do YouTube e do Instagram*", defendida em agosto de 2021 por Ana Júlia de Freitas Carrijo, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCom/UFG), com orientação da Prof^ª. Dr^ª. Lara Lima Satler.

rotas moventes e metamorfoseantes, seus destinos imprevisíveis e contraditórios e, especialmente, seus agentes – seres humanos multiplamente mediados, inquietos, curiosos. Além disso, nossas aproximações teóricas e, conseqüentemente, metodológicas foram feitas visando à possibilidade de investigar as imagens audiovisuais que conformam os circuitos contemporâneos de comunicação digital para além da crítica denunciante que as esvazia de densidade social.

A principal demanda desse posicionamento é a necessidade de estudar como as pessoas se relacionam com a mídia e com essas imagens, isto é, de que modos acontecem as apropriações, as negociações, e os processos de atribuição de sentido a elas. Assim, o foco naquilo que a mídia faz com as pessoas perde potência e amplia-se o olhar aos seus modos de uso, em uma perspectiva de articulações culturais. Esse deslocamento é o que fundamenta todo o percurso intelectual desenvolvido por Martín-Barbero. Trata-se do “calafrio epistemológico” (LOPES, 2018, p. 44), expressão utilizada por ele para relatar suas experiências na América Latina, especialmente na Colômbia, que o fizeram perceber a necessidade de repensar o lugar da enunciação, enquanto pesquisador. Martín-Barbero (2004) considera que, para entender de fato as relações entre as pessoas e os meios de comunicação, ou seja, seus modos de ver, seus operadores perceptivos e suas gramáticas de ação, era preciso atentar-se às práticas de comunicação cotidiana.

É daí que vem o caráter praxiológico de sua pesquisa, que orienta também a nossa: uma empreitada profundamente articulada à prática, um exercício laborioso de “ver-com” as pessoas, ouvi-las com atenção às brechas contraditórias, estudar as dinâmicas populares e seus modos de produção simbólica. Nesse cenário, questionamos: como essa teorização pode ser tensionada a uma pesquisa empírica? De que maneiras podemos conduzir uma pesquisa de campo com adolescentes destacando suas práticas cotidianas e seus modos de produzir sentidos em relação às imagens que consomem? Aqui, apresentamos uma proposta de articulação teórico-metodológica que tem se mostrado profícua e que pode propiciar resultados relevantes para a pesquisa contemporânea em Comunicação e Cultura.

De partida, sublinhamos que o maior propósito deste artigo é compartilhar com a comunidade acadêmica as etapas e o detalhamento do processo metodológico realizado, enfatizando a importância da elaboração de um percurso de pesquisa autorreflexivo e ajustado às necessidades do tema e dos sujeitos entrevistados. Este tipo de texto é requerido amplamente nos programas de pós-graduação e pode auxiliar jovens pesquisadores a

compreenderem a complexidade de investigações empíricas, uma vez que intenta operacionalizar dimensões teóricas e simbólicas a partir de uma experiência prática.

2 O enfoque das mediações

O enfoque das mediações, apresentado em uma das principais obras da teoria barberiana (1997), caracteriza-se como um local de estudo, como um modelo teórico-metodológico de onde é possível perceber a heterogeneidade cultural e social envolvida no processo comunicativo. Desse lugar, o propósito é não fixar o olhar no funcionamento dos meios, tampouco no comportamento do receptor, mas permanecer em um polo equidistante aos dois, de onde seja possível captar o que ocorre entre eles. A partir dessa tese, é preciso questionar o que representa estar no entre. Pensar a partir das mediações significa:

[...] o surgimento de uma nova sensibilidade política, não instrumental nem finalista, aberta tanto à institucionalidade quanto à cotidianidade, à subjetivação dos atores sociais e à multiplicidade de solidariedades que operam simultaneamente em nossa sociedade. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 259).

Isso quer dizer que o alicerce do fundamento barberiano é da ordem das “dimensões simbólicas da construção do coletivo” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 151). Isto é, de um modo de produzir conhecimento que parte da cultura do vivido, da arena de lutas pela produção de sentido. Trata-se de um modo de fazer ciência que, como sintetiza Serelle (2016, p. 76), exige uma “análise mais completa do processo”, uma constatação do “fluxo e [da] fluidez na produção e [no] consumo” (SERELLE, 2016, p. 76) e ainda um reconhecimento de que “o poder midiático é difuso” (SERELLE, 2016, p. 76), ou seja, distribuído entre seus agentes. Desse modo, o que se estuda a partir das mediações é:

[...] a urdidura e a trama do cotidiano, e o que está em questão, em qualquer investigação acerca dessa relação, são as especificidades históricas e sociológicas do tecido que é produzido, suas forças e fraquezas, suas coincidências e contradições: o toque e o sentir da cultura – a ética e a estética da experiência. (SILVERSTONE, 2002, p. 763, tradução nossa).²

² No original: “[...] *the warp and the weft of the everyday, and what is at stake in any investigation of their interrelationship is the historical and sociological specificity of the ensuing fabric, its strengths and its weaknesses, its coincidences and its contradictions: the touch and the feel of culture – the ethics and aesthetics of experience*”.

Assumimos, então, que a experiência vivida no cotidiano é lugar central de nossa análise porque ela pode nos revelar pistas sobre o cenário amplo que vivemos e construímos atualmente. A partir dela, da troca cotidiana, nos formamos enquanto sujeitos culturais, estabelecemos vínculos, criamos estratégias de simbolização, tecemos significados e maneiras para nos apropriarmos deles. No caminho tortuoso da rotina, produzimos vida e arte nas brechas, revivemos e ritualizamos hábitos, nos encontramos, nos perdemos. É agindo no processo cultural de produção compartilhada de sentido que existimos no *entre*: as mediações são o espaço do vivido. Tecemos a rede de comunicação cotidiana com linhas, agulhas e muitos furos nos dedos.

A perspectiva praxiológica do enfoque das mediações apresentada nos parágrafos anteriores está intimamente relacionada à resistência de Martín-Barbero em nos fornecer um conceito acabado de mediações. O que admitimos ser coerente com a sua trajetória acadêmica e empírica permeada de exemplos vividos por pessoas comuns, relatados em digressões filosóficas e, por vezes, poéticas, que nos fazem compreender o que são as mediações por caminhos complexos dotados de uma sensibilidade própria. O autor assume essa postura e sustenta sem receio que:

[...] mediações, então, referem-se mais ao traçado que conecta em rede os pontos e linhas dispersos, diferentes e distantes que tecem um mapa para uma realidade que é verificada ou para um conceito que é mantido e gerenciado. Daí minha tenaz resistência em definir mediações, e minha aposta para ir desdobrando-as e delimitando-as à medida que os processos de comunicação, as práticas culturais e os movimentos sociais estavam se tornando próximos, impondo uma relação densa entre o mundo da produção de mídia nas indústrias culturais e os mundos do consumo, massivo, mas diferenciado, ativo e cidadão. (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 22).

Nesse caminho, o autor nos dá algumas pistas que nos auxiliam a compreender o conceito:

O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. Não havia exclusivamente um indivíduo ilhado sobre o qual incidia o impacto do meio, que era a visão norte-americana. [...] Mediação significava que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 154).

Nessa perspectiva, Martín-Barbero “[...] propõe uma redescoberta do valor sociológico do cotidiano, contaminando os estudos da comunicação de uma perspectiva antropológica.” (ESCOSTEGUY, 2004, p. 23), que reivindica uma análise etnográfica para a descoberta do que de fato acontece na relação entre sujeitos e meios de comunicação no dia a dia. Sobre essa questão, Signates (2003, p. 16) aponta que “a perspectiva das mediações desloca o olhar da comunicação para os sentidos que a transcendem, vinculados à cultura e suas matrizes de significação complexa e múltipla”. Isso implica, dentre outros deslocamentos, uma ruptura com “abordagens teóricas fragmentadas e simplificadas posicionando as mediações como uma *perspectiva teórica integrada* da produção, produto e audiência dentro dos estudos comunicacionais” (LOPES, 2014, p. 65, grifo nosso). Para nossa pesquisa, essa é uma contribuição epistemológica fundamental porque destaca as práticas cotidianas dos sujeitos, grifando a importância de estudar os usos que cada um faz das plataformas de comunicação na internet, e também porque complexifica o processo comunicativo a partir da articulação entre suas dimensões.

Por isso, estudar as mediações significa extrapolar o formalismo estrutural da esfera produtiva de codificação midiática e também a redutora concepção de recepção como interpretação. Ou seja, o sentido das imagens que circulam na internet não está contido nelas, nem na atividade cognitiva do receptor. Se o sentido só existe de fato quando é articulado em prática (HALL, 2009), ele “não é uma propriedade do signo, mas um conjunto de relações das quais o signo é a tradução externa.” (BORDENAVE, 1982, p. 67). Isso significa que o exercício de produção de sentido extrapola os limites da mensagem, do formato, do signo propriamente dito. Trata-se de uma atividade compartilhada socialmente por sujeitos situados em um espaço-tempo específico, orientados institucionalmente, cujas experiências individuais dão formas simbólicas ao que é vivido coletivamente. Nessa perspectiva, situamos nosso debate no lugar das mediações para tentar construir caminhos que nos permitam ver o simbólico em movimento que sustenta a própria noção de cultura digital.

É importante destacar que o interesse de nossa pesquisa por estudar as relações sociais construídas culturalmente entre sujeitos e meios de comunicação nos conduz para uma abordagem qualitativa. Isso significa que as análises realizadas aqui não se pretendem generalizadoras, nem estatisticamente significativas para representar uma parcela da população. Ao contrário, nosso esforço é voltado para um estudo profundo de uma pequena parcela da sociedade. A abordagem qualitativa nos permite maior aproximação com o nosso

tema de estudos, de modo a possibilitar análises mais densas a partir de diferentes perspectivas. Fundamentalmente interpretativa, a pesquisa qualitativa é coerente com o enfoque das mediações porque nela

[...] os objetos não são reduzidos a simples variáveis, mas sim representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos. Portanto, os campos de estudos [...] são situações práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana. (FLICK, 2009, p. 24).

No recorte que estabelecemos, as situações práticas que mais nos interessam, a princípio, são os usos sociais que os sujeitos fazem do YouTube e do Instagram. Ou seja, seus hábitos de acesso às imagens publicadas nas plataformas digitais em meio à rotina diária e não em uma situação laboratorial específica.

3 A experiência etnográfica com adolescentes

Em diálogo com o referencial teórico base para nossas discussões, representado primordialmente pelos Estudos da Cultura Latino-Americanos, guiamos a pesquisa de acordo com o método cartográfico. O autor Jesús Martín-Barbero (2004) escreve o *Ofício de cartógrafo*, indicando que o labor da cartografia consiste em elaborar mapas de “uma história do presente, possibilitando a crítica do nosso tempo e daquilo que somos” (LOPES, 2018, p. 46). Ou, como afirmam Barros e Kastrup (2015, p. 52), “cartografar é acompanhar processos”. Trata-se, portanto, de um modo de fazer pesquisa que orienta a percepção e auxilia o pensamento de modo estratégico, sem dissimular a amplitude do fenômeno estudado.

Como o flâneur de Walter Benjamin (2006), o cartógrafo de Jesús Martín-Barbero (2004) busca no cotidiano pistas sobre o funcionamento social, para além daquilo que está aparente. Para tanto, é preciso ser capaz de estranhar situações familiares, como os vídeos do YouTube e as publicações do Instagram, e observá-las em suas dobras mais profundas. Esse processo é guiado por mapas cognitivos, nunca acabados, como ressalta Rosário (2016), que orientam o percurso da pesquisa apresentando uma visão panorâmica do objeto estudado e oferecendo a ela múltiplas entradas, isto é, múltiplos pontos de contato passíveis de serem adotados no fluxo investigativo.

Martín-Barbero (1997) constrói vários mapas para estimular seu raciocínio e parte do que ele chama de mapa noturno, cuja construção envolve deslocamentos e rupturas e o constante uso de metáforas. O mapa é noturno porque diverge das lógicas funcionalistas e estruturalistas de investigação, diurnas, e ressitua os estudos de comunicação nas matrizes culturais da América Latina e em suas práticas cotidianas: no popular, nas feiras, ruas, cemitérios, praças – e, acrescentamos, no Instagram, no YouTube... São zonas cujas formas de simbolização acontecem em torno dos exercícios diários de produção e atribuição de sentido. Exercícios esses criados e executados em uma perspectiva praxiológica e compartilhada. Não há um estatuto, enquanto materialidade de obrigação e coação, que regule esses hábitos e os estruture, como esquematizam os estruturalistas. A esfera macrossocial é tensionada com a esfera microssocial, do cotidiano, e nessa tensão as respostas sobre o funcionamento social não são encontradas às claras. Isso porque se trata de uma alçada cultural em que só é possível adentrar tateando, com um mapa noturno no qual as fronteiras sejam menos importantes que os entrelaçamentos (MARTÍN-BARBERO, 1997).

Uma abordagem diurna dos usos sociais da internet seria aquela que promete associações lineares e relações diretas de causa e efeito. Uma espécie de investigação que separa as esferas envolvidas no processo e dedica-se a fazer denúncias e críticas à tecnologia, apontando os meios de comunicação (e por consequência suas imagens) como entidades capazes de influenciar as pessoas. Nessa lógica, a comunicação deixa de ser um processo e passa a ser vista como um sistema de transmissão de informações, no qual importam mais as estruturas que suas articulações.

Já uma abordagem noturna dos usos sociais da internet, como a que fazemos, é uma proposta sustentada por um pensamento não linear, que destaca as conexões entre diversos agentes e não dissimula suas ambiguidades. Ela parte do cotidiano, dos rituais simbólicos de contato com os meios de comunicação, sem privá-los de sua densidade cultural. Consideramos que as imagens em circulação, quando pensadas em articulação aos sentidos que a elas são atribuídos, podem revelar pistas de como construímos coletivamente referências e símbolos, estabelecemos acordos e valores e consolidamos parâmetros de modos de ser socialmente. Ou seja, a abordagem do mapa noturno nos permite perceber o mundo de uma maneira mais holística e articulada, a partir da experiência vivida.

O mapa noturno nos conduz a uma aproximação da perspectiva cartográfica com uma abordagem interessada na rede de comunicação cotidiana, em seus processos diários de

produção de sentido, caracterizada “[...] não mais [por] um caminhar para alcançar metas pré-fixadas [...], mas [pelo] primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas.” (PASSOS; BARROS, 2015, p. 17). Daí a necessidade de uma abordagem etnográfica, “que pudesse permitir ao pesquisador ‘ver’ junto com as pessoas, e ‘contar’ às pessoas o já visto.” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 32). Esse deslocamento metodológico demandado pelo método é um desafio aceito por nós para seguirmos em busca de pistas como referências para a manutenção de uma atitude de abertura no percurso da pesquisa.

A etnografia é uma das metodologias mais usadas nos Estudos Culturais porque “ênfatisa o elemento vivencial da experiência” (BAPTISTA, 2009, p. 45) e possibilita uma profunda análise qualitativa do tema de estudos. Nesta pesquisa, contamos com um grupo de colaboradores e colaboradoras com os quais pudemos vivenciar um contato intenso e prolongado em situações de discussão sobre os usos que eles costumam fazer da internet. Realizamos encontros semanais com o grupo por três meses, no segundo semestre de 2019, contabilizando um total de treze momentos, cada um com uma hora e meia de duração, em média. Estamos cientes de que etnografias tradicionais são feitas com uma imersão diária na rotina dos etnografados por longos períodos. Logo, nossa aproximação não representa uma etnografia propriamente dita, mas configura-se como um movimento de pesquisa que tem por base técnicas dessa metodologia, seus pressupostos éticos e, com efeito, suas orientações para nossa postura em contato com outros sujeitos.

O trabalho de campo foi feito pelas autoras, ambas da área da Comunicação, sendo que Ana Júlia Carrijo conduziu diretamente os encontros e Lara Satler, orientadora do projeto, atuou de forma conjunta no planejamento das ações. Além disso, contamos com o apoio de outra pesquisadora mestranda em Performances Culturais, Beatriz de Almeida Prado, que esteve presente em alguns encontros³. Para que a realização desta pesquisa fosse possível, foi necessário que nosso projeto fosse submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Goiás. Após a aprovação do projeto pelo CEP, fomos em busca de um espaço onde pudéssemos formar um grupo de voluntários e realizar os encontros periódicos. O local escolhido foi o Centro de Ensino em Tempo Integral Cecília Meirelles, localizado no bairro Santo Antônio da cidade de Aparecida de Goiânia. Solicitadamente, a coordenação da escola disponibilizou infraestrutura e tempo de aula para a

³ Essa ação foi facilitada pelo Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem (NPTI/FIC/UFG), do qual as três pesquisadoras fazem parte.

realização da pesquisa, que seria incorporada à rotina da escola em formato de uma disciplina eletiva para os estudantes do ensino médio.

No total, realizamos 13 encontros com a turma, que começou com 15 participantes, dos quais 12 foram assíduos até o final do semestre. Para participar das dinâmicas e entrevistas, solicitamos que cada adolescente entregasse a nós o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos responsáveis. Os membros do grupo tinham entre 15 e 17 anos, sendo que a maioria estava cursando o segundo ano do ensino médio (à exceção de uma garota do primeiro ano e outra, do terceiro).

No campo, conjugamos instrumentos de coleta de dados que pudessem aumentar a densidade qualitativa das informações e facilitar nosso ofício de cartógrafas. Foram eles: a observação participante (FLICK, 2009), o grupo de discussão (*focus group*) (GASKELL, 2003) e a entrevista individual em profundidade (DUARTE, 2010). Tipicamente etnográficas, essas técnicas exigiram uma destreza em lidar com outros sujeitos, que foi se aprimorando com o decorrer dos encontros. De modo que foi ficando cada vez mais evidente aquilo que havíamos lido na teoria: “A investigação não se faz *sobre* um grupo social, mas *com e a partir dele*” (BRIGNOL, 2015, p. 99, grifos da autora). Na prática, isso foi uma mudança no prisma a partir do qual enxergávamos a pesquisa empírica. A cada encontro, ficava mais nítido que os dados não estavam prontos para ser colhidos. Foi preciso construí-los em um exercício etnográfico desafiador de aproximar-se das pessoas, conquistar confiança e saber intervir apropriadamente com perguntas e provocações ajustadas à dinâmica do grupo.

Por isso, pudemos sentir o que Barros e Kastrup (2015) relatam sobre a experiência cartográfica: cartografar é, de fato, acompanhar processos. Portanto, a expressão “coleta de dados” não representa uma experiência tão complexa e cheia de curvas quanto a que tivemos. Estamos de acordo com as autoras em afirmar que, em vez de uma coleta de dados, a pesquisa empírica realizada nos exigiu uma produção de dados – compartilhada com cada um dos colaboradores. Isso significou uma troca intensa entre nós e os adolescentes, materializada por relatos pessoais sobre questões íntimas feitas nos últimos encontros. A relação construída em campo, portanto, mostrou-se sólida, ética e embasada em uma confiança que foi sendo conquistada aos poucos.

As atividades de cada encontro foram planejadas no decorrer do período de atividades em campo, sempre após a realização da dinâmica anterior. Os encontros aconteciam às terças-feiras e o planejamento da próxima semana era feito no período de

quarta a segunda, a partir de uma breve análise das experiências vividas e dos dados produzidos e transcritos. Isso significa que nosso roteiro de pesquisa foi sendo elaborado em conjunto com os participantes, por meio de suas considerações, falas e silêncios. Tal procedimento metodológico foi primordial na condução da pesquisa, já que os caminhos percorridos não foram traçados de antemão, mas elaborados na troca com os adolescentes.

Por vezes, incluímos temas nas dinâmicas que não podíamos prever antes da vivência empírica. Tivemos, inclusive, que repensar os recortes do trabalho e ampliá-los para, minimamente, dar conta das demandas de práticas trazidas pelos entrevistados – o que trouxe uma riqueza de dados importante para a pesquisa. Tivemos que nos adaptar à realidade deles e não impor problemas teóricos prévios à rotina dos encontros. Essas adaptações foram muito instigantes e nos desafiaram a manter uma postura de abertura e flexibilidade para compreender a pluralidade das práticas sociais com que estávamos lidando. O que nos parece coerente com o enfoque das mediações, afinal, estávamos nos colocando exatamente no lugar de ver-com os adolescentes, conhecendo suas lentes cotidianas de dar significado às imagens que usam.

As adaptações também aconteceram no nível metodológico porque, mesmo que todos os colaboradores tenham se disponibilizado a participar das atividades propostas, cada um o fez com diferentes níveis de engajamento, timidez e prolixidade. Alguns eram mais eloquentes, outros mais reservados, muitos costumavam ser dispersos. Para cada adolescente, um ou outro procedimento funcionava melhor. Percebendo isso, mesclamos discussões em grupo, com entrevistas individuais e ainda observações de momentos livres na sala.

A conjugação dos instrumentos de produção de dados foi, portanto, primordial na dinâmica empírica. Com a observação participante, pudemos conhecer melhor os participantes, reconhecer as posturas de cada um no grupo, perceber hábitos e formas de ver o mundo. Essa técnica foi usada em todos os encontros “como uma maneira de interação e apreensão dos significados da realidade social e cultural a ser pesquisada.” (NEVES, 2006, p. 15). A observação dos detalhes foi um exercício complexo de atenção plena, especialmente nos momentos em que o grupo todo estava interagindo. Ela foi participante porque estivemos conduzindo as atividades diretamente, com perguntas semiestruturadas, com a exibição de conteúdos para gerar discussão e com outras proposições.

Como estratégia de atuação em campo, a observação aconteceu em pelo menos três fases, como recomenda Flick (2009): a observação descritiva, a focalizada e a seletiva. Na descritiva, procuramos conhecer os participantes de modo mais geral e, já nessa etapa, foi possível perceber quais deles estavam mais ou menos dispostos a interagir, quais eram mais sérios ou mais brincalhões e ainda pudemos descobrir a força dos laços de amizade que havia entre eles. Alguns eram melhores amigos e frequentavam a mesma turma regular na escola há anos. Outros se conheceram no início do ano corrente, outros já se cruzaram no pátio, mas nunca fizeram aulas juntos... Enfim, essas descrições não específicas foram feitas para “apreender, o máximo possível, a complexidade do campo e, (ao mesmo tempo) para desenvolver questões de pesquisa e linhas de visão mais concretas” (FLICK, 2009, p. 208).

Na fase de observação focalizada, já havia maior proximidade entre nós e os colaboradores. Então, pudemos conduzir a observação para aspectos mais próximos ao tema da pesquisa. A atenção voltou-se para as práticas de uso do YouTube e do Instagram feitas pelos adolescentes, buscando descobrir a frequência com que usavam o celular ou o computador, suas preferências de acesso, seus conteúdos preferidos, dentre outras questões relacionadas ao nosso problema de pesquisa. Na observação seletiva, o exercício investigativo principal foi aprofundar questões importantes surgidas na fase anterior, com atenção especial a casos específicos.

Na prática, a observação participante acontece articulada a técnicas de pesquisa capazes de promover situações de interação entre os colaboradores. Nesse sentido, a técnica de discussão em grupo em muito nos auxiliou a perceber quais participantes destacavam a voz sobre o grupo, quais optavam por ouvir atentamente e quais preferiam ficar alheios à discussão. Gaskell (2003, p. 76) argumenta que os grupos constroem “um ambiente mais natural e holístico em que os participantes levam em consideração os pontos de vista dos outros na formulação de suas respostas e comentam suas próprias experiências e as dos outros”. Pudemos observar essa dinâmica especialmente porque foi por meio dela que vieram à tona convergências e divergências de opiniões sobre um determinado tema.

Nesses momentos, percebemos um vigor dos adolescentes querendo complexificar a discussão travada entre eles quando, por vezes, buscavam construir argumentos que sustentassem suas opiniões. Notamos uma facilidade dos colaboradores em expor exemplos sobre o que estavam falando, resgatando memórias a partir das experiências de uso da internet e também de outras experiências vividas, compartilhadas principalmente com

familiares e professores, segundo nossas análises. Foi particularmente nas sessões de discussão em grupo que muitos deles anunciaram uma espécie de surpresa com as conversas (“nossa, eu nunca tinha pensado sobre isso!”) e também criaram situações de embate de ideias com divergências de opinião (“eu discordo completamente disso.”). Nesses momentos, reduzimos as intervenções para observar os rumos que o debate tomaria, como recomenda Flick (2009), mas encorajamos os participantes a defenderem seus pontos de vista.

Além da observação participante e das discussões em grupo, realizamos entrevistas em profundidade com cada um dos colaboradores. Optamos por organizar as entrevistas de duas maneiras (DUARTE, 2010): uma semiaberta, com questões semiestruturadas em um roteiro, e outra aberta, com questões não-estruturadas sobre um tema central. A utilização das semiestruturadas aconteceu em busca de “delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75), sem que haja uma direção absolutamente rígida (ou estruturada) da conversa com o(a) colaborador(a).

Já as entrevistas abertas, essencialmente exploratórias e flexíveis (DUARTE, 2010), foram realizadas como uma conversa informal desencadeadas, na maioria das vezes, por um conteúdo acessado na internet. Enquanto as entrevistas semiabertas foram feitas para tratar de questões mais delimitadas e próximas ao roteiro investigativo da pesquisa, as abertas aconteceram para que pudéssemos ouvir os participantes de forma mais livre. Nestas oportunidades, eles apresentaram hábitos diversos e preferências de acesso que não podíamos incluir previamente nos roteiros de questões. Além disso, foram nas entrevistas abertas que tivemos os relatos mais ligados a processos de construção subjetiva mediados pelos usos da internet.

Como dissemos, a seleção dos temas de cada entrevista aconteceu a partir das análises preliminares realizadas após cada encontro. Elas nos indicaram questões surgidas na discussão de campo que poderiam ser desdobradas de forma mais aprofundada, especialmente com quem demonstrou mais interesse por falar sobre, seja por conhecimento ou por curiosidade sobre o assunto. Desse modo, as seleções dos colaboradores para cada entrevista foram intencionais, feitas a partir das análises preliminares considerando o “conhecimento do tema ou [a] representatividade subjetiva” (DUARTE, 2010, p. 69) do(a) participante. Por conta da aproximação construída ao longo de um semestre letivo com os participantes, pudemos fazer entrevistas individuais mais de uma vez, quando foi necessário.

Essa técnica foi frutífera porque ofereceu aos entrevistados uma situação mais reservada, longe dos colegas, que poderiam reprimir suas falas publicamente de forma constrangedora. Nos preocupamos em criar um ambiente de tranquilidade e confiança, sem julgamentos, para que eles se sentissem o mais à vontade possível conosco, especialmente para aqueles que costumavam manter-se mais calados nas discussões em grupo. Além disso, as entrevistas individuais nos permitiram abordar questões sobre os usos particulares específicos que cada um faz da internet, o que conduziu nossa pesquisa a caminhos *a priori* não pensados.

A cada encontro, produzimos uma espécie de diário de campo para registrar percepções sobre as situações observadas. Alguns registros foram feitos de forma escrita e outros (a maioria) em gravações de voz, porque a ideia era compartilhar um relato sobre as experiências vividas em campo. Nesses áudios, há descrições do que aconteceu no dia e comentários com as percepções que surgiram durante as conversas e observações. Vale ressaltar que os áudios que compõem o diário de campo revelam detalhes não só sobre os fatos, mas também sobre como estávamos nos sentindo logo após o contato com o grupo. Em alguns deles, o cansaço predomina, em outros, aparece mais o entusiasmo e não são poucos aqueles em que as dúvidas e inseguranças prevalecem. Esses pontos de reflexão são fundamentais quando se entende a pesquisa qualitativa como um processo de constante revisão, porque as implicações de quem atua na condução da pesquisa precisam ser consideradas (ROSÁRIO, 2016).

Desde o primeiro dia, todos os encontros foram gravados em áudio para serem transcritos para análise posteriormente. Cada transcrição foi organizada em pastas referentes ao dia em que ocorreram. Nos documentos, destacamos trechos que chamaram a atenção e anotamos comentários extras sobre as lembranças dos momentos em que aquelas frases foram ditas. Nos comentários também foram registrados caminhos possíveis para temas que mereciam mais atenção e poderiam ser abordados, em encontros futuros, com mais profundidade. Por isso, foi de extrema importância fazer a transcrição dos áudios e uma breve sistematização dos dados antes que o próximo encontro acontecesse. Afinal, os modos de abordagem e até mesmo os temas das discussões seguintes mais de uma vez surgiram de opiniões curiosas captadas nos encontros anteriores.

4 Considerações finais

Consideramos que o acesso a textos como este, que se empenham em refletir detalhadamente sobre o processo metodológico, é importante para quem quer pesquisar a partir da orientação etnográfica porque revela os meandros do processo investigativo e pode trazer pistas acerca de como conduzir dinâmicas empíricas. Neste texto, demos ênfase à necessidade de ajustar técnicas e posturas em campo para que fosse possível de fato ver com os adolescentes, o que demandou uma atividade intensa de reflexão e planejamento não apenas antes da entrada em campo, mas principalmente no decorrer dos encontros.

Como vimos, estudar os circuitos comunicacionais digitais, permeados por imagens audiovisuais na internet, a partir do enfoque das mediações, seguindo uma abordagem etnográfica tem se mostrado uma perspectiva profícua, especialmente na vinculação entre comunicação e cultura. A experiência empírica mais prolongada, própria da etnografia, confere mais densidade qualitativa à pesquisa e permite a produção de dados mais complexos e aprofundados. No caso específico da pesquisa com adolescentes, a possibilidade de ter diversos encontros com os entrevistados foi primordial porque possibilitou o tensionamento de falas, bem como o esmiuçamento de perspectivas particulares importantes. Além disso, pudemos testar diferentes abordagens com os jovens, propondo dinâmicas e estimulando conversas a partir das contribuições que eles mesmos trouxeram à tona. Isso aconteceu, por exemplo, quando realizamos um grupo de discussão após assistirmos juntos um vídeo do YouTube escolhido por eles, o qual nós sequer conhecíamos antes do contato com o grupo.

Consideramos que a combinação de técnicas de produção de dados – tais como: observação participante, entrevistas individuais em profundidade, discussão em grupo e diário de campo – é imprescindível para pesquisas com a mesma orientação que esta. Cada uma delas tem a potência de revelar perspectivas diferentes sobre fenômenos específicos e lidar com todas exige do pesquisador uma habilidade de perceber a melhor maneira de abordar o tema em pauta com sujeitos específicos. Essa destreza deve ser construída cuidadosamente no contato com os participantes da pesquisa, por meio de uma sensibilidade nas trocas com outras existências e também através de análises preliminares durante a realização do campo. Recomendamos, nesse sentido, que os dados produzidos sejam

minimamente organizados entre um encontro e outro para que o pesquisador possa ter uma noção mais completa da situação corrente e possa construir as dinâmicas que virão.

Ressaltamos a importância de uma postura flexível durante a realização da pesquisa, já que mudanças no planejamento podem ser comuns durante o percurso. Cabe ao pesquisador manejar seu projeto, sem perder de vista seus objetivos, mas permitindo-se adaptá-lo de acordo com as demandas do campo. Manter essa postura foi um desafio em nossa experiência, que se mostrou instigante durante e após o contato com os jovens, já que nos deparamos com uma quantidade imensa de dados, a qual nos exigiu um esforço significativo de organização, recorte e análise. Hoje, após concluído o processo, consideramos que estar abertas ao máximo de contribuições que podem surgir em campo foi uma postura que trouxe grande riqueza às discussões e está consolidando um trabalho que extrapolou as fronteiras desenhadas inicialmente.

Por fim, sublinhamos que a base teórica dos Estudos da Cultura Latino-Americanos oferece suporte consistente para o desenvolvimento das discussões. Porém, é preciso reconhecer que os textos desse campo de estudos em geral apresentam um alto grau de abstração teórica e, por vezes, oferecem assertivas genéricas e muito amplas. O esforço deve ser tensionar esses conteúdos à experiência prática e entendê-los como pistas teóricas que necessitam da materialidade da realidade empírica particular para ganhar contornos consistentes capazes de fazer avançar as discussões sobre Comunicação e cultura contemporânea.

Referências

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. **Carnets**, [s. l.], v. 1, n. especial, p. 451-461, 2009.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Org.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. 2. ed. Minas Gerais: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, jan./jul., p. 68-80, 2005.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRIGNOL, Liliane Dutra. Usos sociais das TICs em dinâmicas de transnacionalismo e comunicação migrante em rede: uma aproximação à diáspora senegalesa no sul do Brasil. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo ESPM**, São Paulo, v. 12, n. 35, set./dez., p. 89-109, 2015.

CARRIJO, Ana Júlia de Freitas. **Experiências comunicativas de adolescentes goianos na cultura digital: uma análise etnográfica dos usos sociais do YouTube e do Instagram**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2021.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 62-83.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Delineamentos para uma Cartografia Brasileira dos Estudos Culturais. **EcoPós**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 19-30, ago./dez., 2004.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed., Porto Alegre: Artmed, 2009.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin. W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003. p. 64-89.

HALL, Stuart. **Codificação/decodificação**. In: SOVIK, Livia (org.) Da diáspora - Identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 365-381.

LOPES, Maria Immacolata V. A teoria barberiana da comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39-63, jan./abr., 2018.

LOPES, Maria Immacolata V. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 65-80, jan./jun., 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicação e mediações culturais. [Entrevista concedida a] Claudia Barcelos. Tradução de Silvia Rojo Santamaria. **Intercom - RBCC**, v. 23, n. 1, p. 151-163, jan/jun, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: 3 introduções. Tradução de Fernanda Castilho e Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 9-31, jan/abr, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Tradução de Fidelina González e Renata Pallotini. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica [Entrevista concedida a] Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **Matrizes**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 143-162, 2009.

NEVES, Vanessa. F. A. Pesquisa-ação e Etnografia: Caminhos Cruzados. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 1, n. 1, p. 1-17, jun. 2006.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Laura Pozzana. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Org.) **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Cartografia na comunicação: questões de método e desafios metodológicos. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.) **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 175-194.

SERELLE, Márcio. A ética da mediação: aspectos da crítica da mídia em Roger Silverstone. **Matrizes**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 75-90, maio/ago., 2016.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de Comunicação. **Novos Olhares**, São Paulo, ano 6, n. 12, p. 4-19, 2003.

SILVERSTONE, Roger. Complicity and collusion in the mediation of everyday life. **New Literary History**, v. 33, n. 4. p. 761-780, 2002.

Theoretical-methodological combinations in an ethnographic experience with adolescents

Abstract

In this article, we propose ways to investigate how adolescents participate in the production of meaning on the internet. It is a report of a qualitative research, made with a group of twelve adolescents, between fifteen and seventeen years old, students of a public school in Aparecida de Goiânia, Goiás. We make an analysis of the procedures adopted in the field research, theoretically based on the Latin American Culture Studies. The objective is to develop a viable proposal for conducting empirical research in the field of Communication, based on the social uses of YouTube and Instagram. Therefore, from the combination of ethnographic techniques, such as participant observation, group discussion and in-depth individual interviews, we map and discuss

the processes of image circulation and reframing, considering the specific needs of these young people. We emphasize the need to maintain a flexible posture in the empirical dynamics to understand the demands of the interviewees and accept their contributions, without losing sight of the central axis of the research, but allowing adaptations to be made in a reflective process that must happen not only in the analysis of the data, but also during its production.

Keywords

Communication Methodology; Ethnography; Latin American Cultural Studies; Cartography; Adolescents and social media

Autoria para correspondência

Ana Júlia de Freitas Carrijo
anajucarrijo@gmail.com

Lara Lima Satler
lara_lima_satler@ufg.br

Como citar

CARRIJO, Ana Júlia de Freitas; SATLER, Lara Lima. Articulações teórico-metodológicas em uma experiência etnográfica com adolescentes. **Intexto**, Porto Alegre, n. 53, e-111888, jan./dez. 2022.

DOI: <http://doi.org/10.19132/1807-8583202253.111888>

Recebido em 03/03/2021

Aceito em 20/08/2021

Copyright (c) 2022 Lara Lima Satler, Ana Júlia de Freitas Carrijo. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

